

O dispositivo do passe: uma surpresa - Pontuações

Ângela M. Diniz Costa

Este texto é construído a partir de momentos distintos que cronologicamente se sucederam da seguinte maneira: o primeiro aconteceu quando, enquanto membro da CLEAG da EPFCL - Brasil,¹ pude acolher a demanda de Silvia Franco, a partir de sua decisão de passar pelo procedimento do passe. O segundo momento foi quando da apresentação de seu testemunho, dois anos depois² daquele momento inaugural de seu endereçamento ao dispositivo do passe.

Para a construção deste texto, inicio por esse segundo tempo, fazendo algumas pontuações a partir da transmissão dessa experiência, após sua nomeação como A.E. da EPFCL, na medida em que pude ler na escrita dessa transmissão algo que havia se passado e feito ressonâncias quando do encontro que tivemos na secretaria do passe.

Dentre as várias questões que a experiência na secretaria do passe me suscitou e os diversos aspectos que esse testemunho nos possibilita, quero, em primeiro lugar, falar da maneira viva que se colocou para mim a presença do dispositivo do passe enquanto modo de esclarecimento sobre a passagem ao desejo do analista e a transmissão desse desejo, bem como a presença do passe numa comunidade analítica que instaura uma via que preserva a especificidade do discurso analítico no ensino da psicanálise.

A análise, real próprio do inconsciente, da qual se extrai uma experiência, é uma exigência fundante na “qualificação do analista”,³ mas essa condição não é suficiente, pois ainda importa a transmissão do saber extraído dos volteios que precipitaram a partir dessa experiência a decidir-se e a autorizar-se a ocupar o lugar de analista.

Após longos percursos de análises, o sujeito destaca o ponto que marca a conclusão de sua penúltima análise, com uma intervenção do analista apontando: “Está bem, até aonde você chegou”. A seguir é convidada pelo analista a compartilhar uma série de atividades que girava ao redor da psicanálise.

O efeito que advém para o sujeito desse percurso é ter sido “escolhida – significativa a partir do qual podia ler sua vida até aquele momento: não dar trabalho, não incomodar, não falar para não arrumar confusão”.⁴ Uma das consequências que o sujeito extrai da reafirmação de sua posição fantasmática foi ver seus sintomas realçados: “não poder valorizar nada e o de não poder falar nada”.⁵

Busca outra análise, e ao dizer com entusiasmo do lugar que ha-

¹ Comissão Local Epistêmica, de Acolhimento e Garantia da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano composta entre 2006-2008 por Alba Abreu, Ângela Diniz Costa, Dominique Fingermann, Jairo Gerbase.

² II Jornada de Cartéis do Fórum do Campo Lacaniano – Belo Horizonte – setembro de 2009.

³ Freud, *Análise terminável e interminável* (1937/1975, p. 282).

⁴ Franco, *Das consequências analíticas do passe: o inessencial do sujeito suposto saber* (2009).

⁵ *Ibid.*

via alcançado após seus tratamentos, escuta uma interpretação do analista que faz estremecer esse lugar que sustentava ao longo dos avatares de sua existência – “Quanto sucesso”!, interpretação que descompleta, fazendo vacilar algo na posição desse sujeito, que lhe abre a possibilidade de interrogar sua maneira de se fazer “ser escolhido”. As elaborações que são tecidas vão desdobrando para esse sujeito o anúncio de uma decisão que ao implicar um ato de separação o faz hesitar. Momento de vacilação, formulado como: “Melhor morrer que passar por isso”. É tomada por crises intensas de angústia, traduzidas como sensação de morte iminente, de perda do sentido.

Abre-se outro tempo em sua análise, no qual pôde saber sobre a implicação do valor de gozo advindo nessa estratégia: para ser a escolhida não pode falar, precisa estar sempre em prejuízo em suas relações. É necessário se fazer de morta. Ponto de gozo do sintoma, que se articula ao fantasma fazendo perdurar os efeitos repetitivos de um trauma que concerne à conjuntura do seu nascimento. Quando essa estratégia de existência se revela, advém angústia.

A angústia se constitui passagem necessária para fazer bascular em direção ao esvaziamento da consistência do objeto que estava obturando o efeito de causa do objeto do desejo. Abertura ao tempo do final de análise... É quando recebe a notícia de sua designação como passadora. “Esta designação é um ato que, como todo ato analítico, descompleta o saber do psicanalisando e, nesse sentido, apontou para a destituição, para a saída do sentido, ao mesmo tempo em que apontou para o sentido/direção da saída”.⁶ A partir desse testemunho, podemos verificar que na designação de um passador, há uma aposta inerente ao ato do analista, cujos efeitos não são calculáveis. A designação provocou um efeito de surpresa.

No texto *Sobre a experiência do passe*,⁷ é colocado que ao se perguntar sobre o que lhe causou o efeito de surpresa, que envolveu a notícia da sua designação como passador, o que ficou esclarecido foi o lugar em que o sujeito se colocava na relação transferencial, esperando um complemento de ser. A surpresa é, pois, um acontecimento que não está previsto. Algo da ordem: “O analista não entendeu nada!”. O sujeito aguarda o complemento e o ato descompleta.⁸ Presença do desejo do analista. Contrariamente a todas as estratégias para ser escolhida e ficar com o outro, esta designação apontou para fora da relação transferencial. Apontou para a transferência com a psicanálise, com a Escola. O que foi interpretado como: “Vai sozinha dar testemunho de sua relação com a psicanálise”.

Ainda nesse mesmo texto, Silvia faz uma observação que me possibilita fazer um ponto de enlaçamento à minha experiência na secretaria do passe, quando ao dizer que ao “consentir em participar desse dispositivo, deparou-se em cada momento requerido pelo procedimento do passe, que se trata de um ‘trabalho solitário’, e a única

⁶ *Ibid.*

⁷ Franco, *Sobre a experiência do passe* (2006).

⁸ *Ibid.*

‘garantia’ era apostar no que só a análise pode fazer suportar, ou seja, como nos ensina Lacan que ‘o não-sabido se ordene como moldura do saber’”.⁹

E ao ler este texto, lembrei de uma frase dita nesse primeiro encontro que tivemos e que fez ressoar o momento situado como o de passagem – momento de passe – “não sabia que ia dizer disso”. Surpreendidas com um “não saber”, a entrevista concluiu-se. Sublinho este ponto, porque ele me possibilita, ao escutar o texto dessa analista da escola, reler algo que se passou nessa entrevista na secretaria do passe: da perspectiva daquilo que se colocou para esse sujeito como momento fundamental de passe, enquanto separação de sua posição fantasmática: destituição do ideal de seu saber falar bem, da garantia do sentido, de ser compreendida – modos de se fazer escolhida ao preço de estar morta. Deparar-se, então, com um não saber, era também por ter depurado a causa de seu horror ao saber em sua correlação ao se saber “ser um dejetivo”. Lacan precisa que chegar a esse ponto não é suficiente, se faz necessário que esse encontro, que toca o real, provoque entusiasmo.

Um outro ponto que quero marcar, ainda considerando o ponto de conclusão da entrevista, é da surpresa que também se colocou para mim do que havia se passado naquele encontro e que também se enlaçava a um “não saber” que insiste numa pergunta relativa à borda daquilo que constitui função da secretaria do passe, que embora bem definida nos estatutos como acolhimento da demanda do passe, sorteio dos passadores... ou seja zelar pelo bom funcionamento do procedimento; a surpresa fica naquilo que se evidencia na experiência dessa função que requer discrição em relação à decisão do passante, e também interroga o sentido que possa ser apreendido desse momento de decisão: o secretário do passe ao escutar os argumentos de uma demanda de passe permanece na borda do testemunho, trazendo uma questão de antecipação do julgamento que é problemática. O que poderia fazer manejar a entrevista no sentido de orientar para suspensão ou adiamento da demanda de passe?

O dispositivo do passe é um artifício tecido por vários fios que se enlaçam e desenlaçam entre o passante, o secretário do passe, os passadores, os membros do cartel do passe e a comunidade de Escola. Neste artifício, cada um dos envolvidos traz sua cota. Não se ocupa nenhum desses lugares, sem que incida uma marca. O passe envolve um número expressivo de pessoas na comunidade analítica que podem, e esta é a melhor das hipóteses, ir ao encontro desse real em jogo na formação dos analistas. Para além dos envolvidos no procedimento do passe, sua existência numa Escola implica o ato solidário no acolhimento das consequências do discurso analítico do passe para a comunidade de Escola. O acolhimento e o valor dado pela comunidade ao testemunho transmitido advindo dessa experiência, que é

⁹ Lacan, *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* (1967/2003, p. 254).

¹⁰ Sauret, *A psicanálise com vários* (2001).

referida a um campo limitado unicamente à apropriação do sujeito, evocando um grão de saber que cada passante transmite do singular de sua experiência no advir do desejo do analista, fazem ressoar esse real irredutível com o qual se confrontou, junto daqueles nos quais o desejo de escutá-lo é suscitado.¹⁰ Indicação de que o passe é em função de Escola, numa aposta que ela possa instaurar uma comunidade de experiência, onde cada um, de modo singular, pode inscrever um saber; é aí que se tem a chance de um a um reinventar o saber e operar com a transmissão da Psicanálise. Assim, uma Escola de Psicanálise é lugar onde se inscreve o discurso analítico no ensino.

É nesse sentido que uma escola de Psicanálise relança um efeito de formação, pois cada um coloca sua “pitada de sal” nesse laço social inspirado no discurso analítico para acolher e investigar seus efeitos. Assim, a questão dos efeitos da formação do analista é como sustentar o lugar do analista e manter vivo o desejo do analista inscrito em outra dimensão de tempo que não se relaciona somente com o passado de sua formação, senão também com o porvir de sua prática analítica. Assim, numa escola “a experiência do passe é uma experiência em andamento”¹¹ ...sempre.

¹¹ Lacan, *Sobre a experiência do passe* (1977, p. 117).

Referências bibliográficas

- FRANCO, Silvia Fontes. *Das consequências analíticas do passe: o inessencial do sujeito suposto saber*. Texto apresentado na II Jornadas de Cartéis – Fórum do Campo Lacaniano – Belo Horizonte, em setembro de 2009.
- FRANCO, Silvia Fontes. *Sobre a experiência do passe*. Texto apresentado no VII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Belo Horizonte, em 2006.
- FREUD, Sigmund. (1937). *Análise terminável e interminável*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII).
- LACAN, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, pp. 248-264.
- LACAN, Jacques. Sobre a experiência do passe. *Ornicar*, nº 12-13, dezembro de 1977.
- SAURET, Marie Jean. A psicanálise com vários. In: *Estilete*: Boletim da Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil, nº 3, agosto de 2001.

Resumo

O artigo busca fazer algumas pontuações sobre os efeitos de formação engendrados pelo procedimento do passe. A experiência do passe numa Escola é fundamental para subsidiar a discussão de como advém para cada um em sua particularidade o desejo do analista. Para tanto o autor recorre a dois encontros, em intervalos de tempo bastante distintos: o primeiro encontro refere-se quando da demanda do passe; e o segundo, quando da leitura do texto de Silvia Franco referente à transmissão de sua experiência como A.E. – analista da escola.

Palavras-chave

Procedimento do passe, desejo do analista, transmissão de uma experiência.

Abstract

The article aims to make some punctuations concerning the formation effects engendered by the procedure of the pass. The experience of the pass in a school is fundamental to underlie the discussion about the advent for oneself in one's own particularity of the desire of the analyst. For this purpose the author resorts to two encounters, in two fairly distinct intervals of time: the first encounter when demanding the pass; and the second when reading the text of Silvia Franco concerning the transmission of her experience as an AE – analyst of the school.

Key-words

Pass procedure, desire of the analyst, transmission of an experience.

Recebido

24/10/2009

Aprovado

13/12/2009

